

INFORME SETORIAL MINERAÇÃO E METALURGIA

Nº 20 - OUTUBRO/1998

ÁREA DE OPERAÇÕES INDUSTRIAIS 2

Gerência Setorial 3

Siderurgia: Desempenho e Perspectiva

Na atual década, a siderurgia brasileira vem tendo um bom desempenho, com crescimento médio anual da produção de 4,4%, enquanto a média mundial situa-se em 1,2%. O Brasil produziu 26,2 milhões de t de aço bruto em 1997, contra 794 milhões de t produzidas no mundo, ocupando o país a 7ª posição como produtor mundial. O comportamento econômico-financeiro das empresas tem sido relevante, especialmente após a efetivação do Programa Nacional de Desestatização e da implantação do Plano Real.

Os investimentos realizados entre 1994/97 atingiram US\$ 5,1 bilhões, sendo previstos mais US\$ 5,3 bilhões até o ano 2000, totalizando US\$ 10,4 bilhões. Os recursos destinam-se, principalmente, ao processo de modernização do parque existente, à melhoria do meio ambiente, redução de custos e aumento de qualidade. Considerando o acirramento da competição no mercado global, a siderurgia brasileira vem investindo visando o aumento da competitividade e da produtividade da indústria, cujo índice já evoluiu de 160 t/h/ano em 1991 para 375 t/h/ano em 1997.

No último trimestre de 1997 teve início o movimento de desaceleração da demanda interna global, que se intensificou no corrente ano, afetando mais fortemente os segmentos automobilístico e utilidades domésticas e comerciais. Estes, com a construção civil, consomem em conjunto, mais de 60% dos produtos de aço ofertados. A siderurgia brasileira também está sendo impactada negativamente pela crise nos países asiáticos, iniciada em setembro de 1997, e que vem alterando o desempenho das exportações siderúrgicas para aquela região, especialmente a partir de julho de 1998.

Estes dois movimentos interferiram na produção brasileira de laminados siderúrgicos, a qual iniciou movimento de queda a partir de junho e julho passados, prevendo-se a sua continuidade até fins do corrente ano.

A seguir, apresenta-se uma visão quantitativa da performance do setor siderúrgico e seu desempenho futuro, dando ênfase aos itens que mais influenciam no comportamento do mercado.

1 - Produção de Laminados

O crescimento médio da produção de laminados no período 1990/97 foi de 2,3% a.a., tendo os laminados planos comuns evoluído 3,8% a.a. e os longos 0,6% a.a.. Os planos especiais sofreram uma redução de 0,9%. Em 1997, CSN, Usiminas, Cosipa e Acesita, em conjunto, foram responsáveis por 64% da produção total de laminados. No segmento de laminados longos destacam-se Grupo Gerdau, Belgo-Mineira, Mendes Júnior e Mannesmann, representando, em conjunto, 92% de participação neste segmento. Nos laminados especiais destacam-se Acesita, Villares, Grupo Gerdau e Mannesmann.

**Produção Brasileira de Laminados por Tipo de Aço
1990/97**

Mil t

Produto / Empresa	1990	1992	1994	1995	1996	1997	% (*)
Planos Comuns	8.355	9.623	10.217	10.234	10.651	10.883	3,8
CSN	2.793	3.722	3.981	3.984	4.159	4.530	7,2
Usiminas	3.107	3.308	3.513	3.596	3.696	3.771	2,8
Cosipa	2.455	2.593	2.723	2.654	2.796	2.582	0,7
Planos Especiais	410	440	436	391	371	384	(0,9)
Acesita	410	440	436	391	371	384	(0,9)
Longos Especiais	765	664	882	774	605	741	(0,5)
Villares e V. Metals	401	280	388	384	375	486	2,8
Mannesmann	92	154	205	127	63	73	(3,2)
Acesita	118	107	122	102	27	8	-
Grupo Gerdau	154	114	167	161	140	174	1,8
Longos Comuns	5.190	5.161	5.785	4.660	5.056	5.417	0,6
Grupo Gerdau	2.315	2.361	2.550	2.305	2.373	2.568	1,5
Mendes Júnior/BMP	954	969	1.035	420	801	705	(4,2)
Belgo-Mineira (2)	973	959	1.215	1.128	1.124	1.355	4,8
Mannesmann	228	237	257	262	297	335	5,7
Demais	812	680	798	545	461	454	(7,9)
Total	14.812	15.933	17.390	16.059	16.683	17.425	2,3

Fonte: IBS.

(1) Inclui Pains.

(2) Inclui Dedini.

(*) Crescimento Médio Anual

No período jan/jul de 1998 a produção de laminados apresentou redução de 1,5% se comparada a igual período de 1997, com quedas maiores na produção de laminados planos comuns e longos especiais, respectivamente de 4,0% e 4,5%. Usiminas, CSN e Cosipa apresentaram reduções mais significativas, face à retração no mercado interno e nas exportações de laminados planos comuns. O aumento na produção da Acesita reflete a sua maior capacidade no fornecimento interno de aço inoxidável, substituindo importações. Os mercados de petróleo, gás, infra-estrutura e construção civil impactaram positivamente a performance da produção de laminados longos comuns, com crescimento de 2,6% no período em relação a igual período de 1997, destacando-se Gerdau, Belgo-Mineira e Mannesmann, enquanto os laminados longos especiais apresentaram queda de 4,5%.

Produção Brasileira de Laminados por Tipo de Aço 1997/98

	Mil t		
Produto / Empresa	jan/jul 97	jan/jul 98	% Cresc.
Planos Comuns	6.443	6.183	- 4,0
CSN	2.621	2.540	- 3,1
Usiminas	2.282	2.158	- 5,4
Cosipa	1.540	1.485	- 3,6
Planos Especiais	196	240	+ 22,4
Acesita	196	240	+ 22,4
Longos Especiais	420	401	- 4,5
Villares e V. Metals	273	270	- 1,1
Mannesmann	42	26	- 38,1
Acesita	4	3	- 25,0
Gerdau (Grupo Gerdau)	101	102	+ 1,0
Longos Comuns	3.097	3.179	+ 2,6
Gerdau (Grupo Gerdau) (1)	1.465	1.499	+ 2,3
Mendes Júnior / BMP	417	382	- 8,4
Belgo-Mineira (2)	769	837	+ 8,8
Mannesmann	183	190	+ 3,8
Demais	263	271	+ 3,0
Total	10.156	10.003	- 1,5

Fonte: IBS.

(1) Inclui Pains.

(2) Inclui Dedini

2- Produção de Semi-Acabados

A produção de semi-acabados apresentou crescimento médio de 4,7% a.a., no período 1990/97, tendo a produção de placas evoluído 9,6%, representando cerca de 60% da produção de semi-acabados. CST e Açominas, em conjunto, respondem por 83% da comercialização anual de semi-acabados e pela quase totalidade das exportações brasileiras destes produtos. As exportações de semi-acabados, que em 1990 representavam 72% da produção, atingiram 82% em 1997.

Produção Brasileira de Semi-Acabados - 1990/97

Prod./Empresa	Mil t						% (*)
	1990	1992	1994	1995	1996	1997	
Placas	2.366	3.581	4.035	4.547	4.328	4.483	9,6
Açominas	197	376	214	667	580	354	8,7
CSN	-	1	8	-	-	-	-
CST	1.777	2.747	3.148	3.341	3.258	3.500	10,2
Cosipa	134	21	321	312	459	610	24,1
Usiminas	258	436	344	227	31	13	(34,7)
Lingotes	2.514	2.202	2.181	2.076	2.140	2.241	(1,6)
Acesita	50	29	82	57	133	178	19,9
Açominas	1.526	1.489	1.389	1.480	1.500	1.716	1,7
Gerdau	529	305	289	175	157	124	(18,7)
Villares	156	191	188	171	125	103	(5,8)
Demais	253	188	232	193	225	120	(10,1)
Total	4.880	5.783	6.221	6.623	6.468	6.724	4,7
Parcela Exportada	3.522	4.640	4.827	5.130	5.685	5.523	6,6

Fonte: IBS (1) Blocos e Tarugos * Crescimento Médio Anual

No período jan/jul de 1998 a produção de semi-acabados cresceu 2,7% em relação a igual período de 1997. O acréscimo na produção de placas foi de 12,7%, em função da maior produção da Açominas, com crescimento de 149%. Neste período a CST ainda não tinha apresentado crescimento na produção, fato que ocorreu após julho, com a entrada em operação do segundo alto forno. As exportações de semi-acabados voltaram a representar 72% da produção.

Produção Brasileira de Semi-Acabados – 1997/98

Produto / Empresa	Mil t		
	jan/jul 97	jan/jul 98	% Cresc.
Placas	2.531	2.852	+ 12,7
CST	2.010	2.012	+ 0,1
Açominas	176	438	+ 148,9
Demais *	345	402	+16,5
Lingotes, Blocos e Tarugos	1.309	1.092	- 16,6
Acesita	102	110	+ 7,8
Açominas	988	773	- 22,0
Outras**	219	209	-4,6
Total	3.840	3.944	+ 2,7
Parcela Exportada	3.176	3.110	(2,1)

Fonte: IBS * CSN, Cosipa e Usiminas;

** Gerdau, Villares e pequenos produtores.

3 - Consumo Aparente de Produtos de Aço

No período 1990/97 o consumo aparente de aço apresentou crescimento médio anual significativo de 8,1%, evoluindo 8,9% no segmento de planos e 7,1% no de longos. O maior crescimento ocorreu a partir de 1993, após a implantação do Plano Real, com a conseqüente explosão da demanda reprimida. Registre-se também, neste período pós-privatização da siderurgia, a melhoria do desempenho das empresas, com aumento da produtividade e da capacidade da indústria. O consumo de aços especiais (incluindo-se os revestidos galvanizados) apresentou crescimento menor do que o consumo de aços comuns, estimando-se entretanto para os próximos anos maior evolução no consumo de galvanizados, considerando o atendimento à demanda da indústria automobilística (ver Relato Setorial Zinco – Demanda Nacional de Chapas Galvanizadas, jul/98).

Consumo Aparente Brasileiro de Produtos de Aço - 1990/97

Discriminação	1990	1992	1994	1995	1996	1997	% (*)
Aços Planos	4.990	5.029	7.165	7.324	7.715	9.050	8,9
Aços Longos	3.877	3.882	4.930	4.670	5.318	6.276	7,1
Total	8.867	8.911	12.095	11.994	13.033	15.326	8,1

Aços Especiais	969	973	1.451	1.309	1.303	1.418	5,6
Aços Comuns	7.898	7.938	10.644	10.685	11.730	13.908	8,4

Fonte: IBS e BNDES. * Crescimento Médio Anual

No período jan/jul de 1998 as vendas internas de 8,4 milhões de t apresentaram retração de 0,8% em relação a igual período de 1997, especialmente no segmento de planos cuja queda de 2,8% foi principalmente influenciada pela redução nas vendas de chapas a frio (-41,3%), chapas e bobinas inoxidáveis (-16,3%), bobinas a frio (-13,3%) e chapas galvanizadas (-5,8%).

Cabe observar o grande crescimento das importações que foram superiores 35,5%, em volume, em relação ao mesmo período do ano anterior. No mesmo período, o consumo aparente apresentou crescimento de 1,4%, influenciado pelo crescimento de 4,8% nas vendas internas dos laminados longos, principalmente consumidos nos setores da construção civil e infra-estrutura. Estima-se que o consumo interno de produtos de aço tenda a reduzir-se 2,5% no período ago/dez de 1998 em relação ao mesmo período de 1997, fechando-se o ano com um consumo de 15,2 milhões de t. Se confirmadas estas expectativas o consumo aparente brasileiro de produtos siderúrgicos não apresentaria crescimento e sim queda de 0,2% neste ano, em relação ao ano anterior, contrariando as previsões que no início do ano indicavam crescimento entre 7 e 10%.

Consumo Aparente Brasileiro de Produtos de Aço - 1997/98

Discriminação	jan/jul			ago/dez			1998*	
	1997	1998	%Cresc.	1997	1998 *	%Cresc.	Qtde.	%Cresc.
Aços Planos	5.197	5.146	(1,0)	3.853	3.600	(6,5)	8.747	(3,3)
Aços Longos	3.598	3.772	+ 4,8	2.680	2.770	+ 3,5	6.542	+ 4,2
Total	8.795	8.918	+ 1,4%	6.533	6.370	(2,5)	15.289	(0,2)
Aços Especiais	803	784	(2,4)	615	610	(0,8)	1.394	(1,7)
Aços Comuns	7.992	8.134	+ 1,8	5.918	5.760	(2,7)	13.895	(0,1)

Fonte: IBS e BNDES * Estimativa BNDES

4 - Exportações de Produtos de Aço

As exportações de produtos de aço, que em 1993 já tinham atingido 12,2 milhões de t, reduziram-se para 9,2 milhões de t em 1997, no valor de US\$ 3,0 bilhões, registrando-se queda de 11% em relação a 1996. No período jan/jul de 1998, as exportações situaram-se em 5,3 milhões de t apresentando queda de 2,4% em relação a igual período do ano anterior, com faturamento de US\$ 1,8 bilhão, representando crescimento de 3,7%. As exportações apresentaram queda considerável de 17,1% no segmento de longos. Considerando-se as exportações no mês de julho do corrente ano, estas apresentaram acentuada queda de 8,5%, se comparada com julho de 1997. Face à crise asiática, observa-se redirecionamento das exportações com redução das vendas para a Ásia, que representavam 32,8% das exportações brasileiras de produtos de aço em 1997 e se restringiram a 20,1% no período jan/jul de 1998. Neste período a participação das outras regiões atingiu na América do Norte, 31,1%, na América Latina, 26,3% e na Europa e demais países, 20,7%.

Evolução das Exportações de Produtos de Aço - 1993/98

Tipo	Mil t						
	1993	1994	1995	1996	1997	jan/jul 98	% Cresc.**
Semi-acabados	5.309	4.827	5.130	5.685	5.523	3.184	(1,3)
Planos	4.278	3.824	3.053	3.384	2.505	1.535	0,3
Longos	2.390	2.100	1.136	917	790	400	(17,1)
Outros	259	327	336	271	345	181*	(5,0)
Total	12.237	11.078	9.655	10.257	9.163	5.300	(2,4)

Fonte: IBS e BNDES * Estimado ** Em relação jan / jul 97

No período ago/dez de 1998 estima-se que as exportações mensais devam ser inferiores às de julho, fechando-se o ano de 1998 com um total de cerca de 8,9 milhões de t exportadas, com valor aproximado de US\$ 2,9 bilhões. Portanto, a performance das exportações em 1998 deverá ser 3,0% inferior a 1997 em quantidade e 4,0% inferior em valor.

5 - Preços dos Produtos de Aço

5.1 - Preços Internacionais

Os preços dos produtos siderúrgicos mais comercializados, como chapas e bobinas a quente e a frio, vem apresentando tendência de queda desde fevereiro/março do corrente ano, atingindo em agosto cotações com acentuada redução em relação às de dezembro de 1997.

Preços Internacionais de Produtos de Aço

Produtos	US\$/t										
	1982	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	7/98	08/98
Bobina Quente	330	330	297	290	357	370	310	325	340	320	300
Bobina Frio	365	470	430	400	487	540	460	420	430	400	380
Chapa Galvan.	440	600	520	480	545	585	490	500	520	510	500
Chapa Grossa	360	420	373	360	386	456	405	450	470	435	400
Vergalhão	250	285	257	257	300	332	260	280	290	260	250
Sucata - Merc. USA	51	105	86	87	135	135	137	139	137	120	115
Chapa Especial	1.496	2.280	2.145	2.202	2.100	2.158	2.280	2.150	2.000	1.800	1.600*

Fonte: Metal Bulletin, Periódicos, Revistas especializadas e BNDES.
1982/97- cotação em dezembro.

* Mercado americano entre US\$1.700/t a US\$1.800/t; Japão e Hong Kong em torno de US\$1.500/t.

5.2 - Preços para Exportação e Mercado Interno

No período 1990/94 os preços médios praticados nas exportações não apresentaram variação substancial. Em 1995 ocorreu uma sensível melhora perdurando praticamente até fins de 1997. Em 1998, a exemplo do que ocorreu nos preços internacionais, os preços das exportações brasileiras de produtos siderúrgicos iniciaram movimento declinante a partir de março deste ano, situando-se, porém, a média dos seis primeiros meses do ano, ainda superior à média de 1997. A partir de julho acentuou-se o movimento de ajuste de preços face à continuidade da redução dos preços internacionais.

A partir de 1995 verifica-se, também, um ajuste nos preços praticados no mercado interno, tendência que também se verifica no presente ano.

Preços Médios de Exportação e Mercado Interno - 1988/98

Discriminação	US\$/t											
	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998*	Jul98
Preço Médio Exportação	299	327	297	306	304	298	292	344	316	333	320	316
Planos	381	432	357	367	342	338	356	444	406	388	409	399
Longos	306	372	324	358	319	332	322	401	429	450	479	465
Semi-Acabados	219	257	227	224	212	214	229	272	234	251	255	244
Preço Médio Interno	737	773	838	631	700	679	667	718	662	597	546	535

Fonte: IBS E BNDES. *Média jan/jul

Em agosto, os preços FOB praticados no mercado nacional para os planos foram de US\$ 417/t para chapas grossas, US\$ 377/t para chapas e bobinas a frio e US\$ 538/t para bobinas a quente, segundo dados colhidos junto à Gazeta Mercantil. Recentes informações indicam que o Japão, outros países da Ásia e Rússia vem realizando maciças vendas de bobinas a quente e placas para os Estados Unidos, implicando em queda das cotações internacionais. Os preços das placas que também são impactados pela redução das importações asiáticas, apresentaram queda de 30% apenas neste ano, situando-se atualmente entre US\$170 e US\$180/t, fato que tem influência negativa nas exportações brasileiras deste produto.

6 - Perspectivas

A nível internacional, o setor siderúrgico deverá continuar a ser impactado pela deterioração das economias asiáticas e mais recentemente da economia russa, que vem desbalanceando o mercado. Estes países necessitam acelerar a colocação de seus produtos externamente, em virtude da redução de seus consumos internos.

Deste modo, verifica-se excesso de oferta de produtos siderúrgicos e preços em queda, também influenciados pela desvalorização das moedas destes países em relação ao dólar.

Analisando o comportamento do consumo aparente de produtos siderúrgicos no mundo, observa-se que no segundo trimestre de 1998, em relação ao primeiro trimestre, quase todos os países, inclusive os europeus, apresentaram quedas de consumo de aço, excetuando-se Estados Unidos e China. A redução média apresentada pelo mundo ocidental foi de 0,3%, confirmando a tendência de desaceleração das principais economias ocidentais.

Em relação à produção siderúrgica no mundo ocidental, observa-se que esta apresentou redução de 0,1% no mesmo período, seguindo a tendência de queda do consumo.

Historicamente a produção e o consumo mundiais, que vinham evoluindo entre 1,5% e 2% a.a. nos últimos anos, deverão apresentar redução destas taxas, diante do novo cenário internacional. O International Iron and Steel Institute – IISI reformulou a sua expectativa para o consumo mundial em 1998, estimado-o em cerca de 689,9 milhões de t, 1,2% inferior ao de 1997.

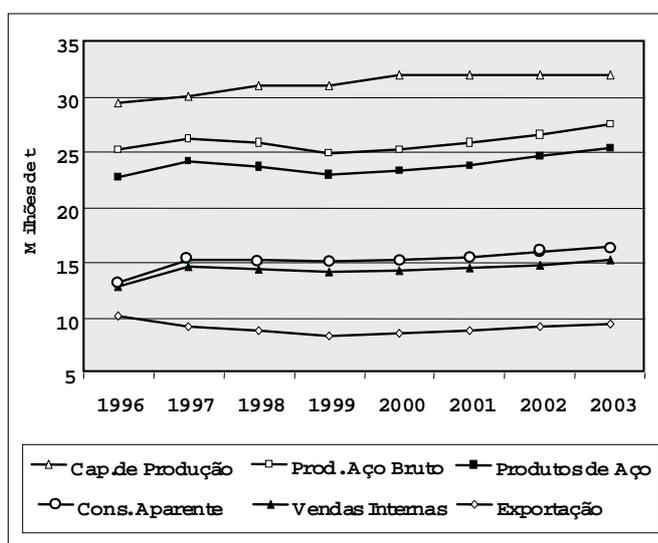
No Brasil, com os investimentos em andamento na siderurgia, estima-se o aumento da capacidade de produção para 32 milhões de t de aço bruto, no ano 2000. As perspectivas são de decréscimo na produção siderúrgica nos anos de 1998/99, atingindo-se 25,8 e 24,9 milhões de t, respectivamente, com retomada do crescimento a partir do ano 2000. A queda de produção é consequência da retração no consumo interno e da redução das exportações. As importações deverão crescer, porém em percentuais menores que os ocorridos entre 1996 e 1997. As exportações de-verão atingir US\$ 2,9 bilhões em 1998, inferiores cerca de 4% às realizadas em 1997. O consumo aparente de aço não deverá apresentar crescimento mas pequena queda em relação à 1997.

Perspectivas para a Siderurgia Brasileira - 1996/2003

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Capac. Produção	29,5	30,0	31,0	31,0	32,0	32,0	32,0	32,0
Prod. Aço Bruto	25,3	26,2	25,8	24,9	25,2	25,8	26,4	27,2
Produtos de Aço	22,7	24,2	23,7	23,0	23,3	23,8	24,4	25,1
Cons. Aparente	13,2	15,3	15,2	15,1	15,3	15,5	16,0	16,5
Vendas Internas	12,8	14,6	14,4	14,2	14,3	14,5	14,8	15,2
Importação	0,4	0,7	0,8	0,9	1,0	1,0	1,0	1,0
Exportação	10,2	9,2	8,9	8,4	8,6	8,9	9,2	9,5

Fonte: IBS, 1998/2003-Projeção BNDES.

Perspectivas para a Siderurgia Brasileira - 1996/2003



Os preços dos produtos siderúrgicos deverão continuar o movimento de ajuste ao quadro recessivo internacional. Neste cenário alguns investimentos na siderurgia brasileira poderão sofrer descontinuidade ou postergação.

Diante do quadro atual é de se esperar que as empresas do setor não repitam, especialmente em 1998/99, a rentabilidade que vinham apresentando, face aos resultados menos atraentes que fatalmente ocorrerão já a partir do segundo semestre de 1998.

Ficha Técnica:

Maria Lúcia Amarante de Andrade Gerente Setorial

Luiz Maurício da Silva Cunha - Economista

Guilherme Tavares Gandra - Engenheiro

Eliane F. Costa de Oliveira - Estagiária

Editoração: GESIS/AO2

Telefone: (021) 277-7184

Fax: (021) 240-3504